

“A capacidade produtiva não tem idade”

A capacidade produtiva, no sentido de criar, de realizar e de implementar novas ideias, são necessidades intrínsecas humanas e dependem completamente da intenção, da vontade e da persistência de cada um.

Por outro lado, a idade é um factor não negligenciável, que molda e solidifica o que somos, consubstanciando a riqueza que possuímos pela experiência vivida e que permite a análise de novas situações de forma diferenciada, mais abrangente, com perspectivas mais largas, mas sem interferir negativamente com a capacidade produtiva de cada um, bem pelo contrário.

A intenção e a vontade são sempre fundamentais, decisivas, em qualquer idade, no que se respeita à capacidade produtiva aquilo que realmente acontece é o que está à nossa volta e que vai evoluindo com o passar do tempo, com as constantes mudanças no mundo e com a experiência de cada um.

Continuamos a utilizar a palavra reforma quando nos referimos às pessoas que saem do mercado de trabalho, mas se repararmos com atenção, a situação atual é muito diferente da dos nossos avós, do que acontecia há duas ou três gerações atrás, ainda que na essência devesse ser a mesma.

A reforma acontecia quando as pessoas estavam fisicamente esgotados e/ou com expectativas de esperança de vida reduzidas. Era a fase do “descanso” merecido de quem já tinha esgotado a sua capacidade contributiva.

Desde há cerca de uma geração atrás, a situação é radicalmente diferente: as reformas, e essencialmente as pré-reformas, têm lançado na sociedade milhares de profissionais ativos, muitos deles com elevadas capacidades e competências, a quem se continua a chamar “reformados” com a mesma conotação das gerações passadas.

Ora isto é que mudou completamente. Os “reformados” e os seniores de outrora são hoje pessoas saudáveis, com esperança de vida ainda por muitos anos, com uma riqueza de conhecimentos e experiência profissional interessante, alguns com capacidades financeiras importantes, com tempo e interesses variados. Reúnem assim condições para poderem continuar a produzir e a contribuir proficuamente para a sociedade. Podem ser na realidade uma fonte de riqueza imensurável e, no atual contexto do país, críticos para ajudar a superar as grandes dificuldades com que nos deparamos.

Muitas das reformas e as pré-reformas, tal como são atualmente vistas e executadas pelas entidades patronais, são uma violência! Às pessoas e ao país.

Determinam que um individuo se deve afastar de uma vida ativa, independentemente da sua capacidade produtiva, do seu desejo ou da sua intenção, apenas pela função custo de muito curto prazo. São meras decisões administrativas e principalmente financeiras, que substituem “velhos caros” por “jovens baratos”, como peças velhas que necessitam de ser substituídas, sem a consciência e a preocupação com os reais custos de substituição.

O economicismo que leva a retirar milhares de profissionais ativos do mercado de trabalho é uma das grandes violências da nossa sociedade e deve ser um tema a endereçar e discutir na área da responsabilidade social das empresas e do estado.

Como se pode querer crescer, fortificar e ver florescer a nossa economia, se estamos a desbaratar conhecimento, experiência e capacidade instalada, produtiva e de concretização, porque foi meramente atingido um tecto histórico de idade, ou mesmo que ainda não o tenha sido, sem considerar o caso particular de cada um?

Se todos os 'gurus' em cada área de atividade se retirassem aos 55 anos de idade, ou mesmo aos 65 ou 67, o que seria hoje do mundo? Não se pode aplicar, em minha opinião, de forma universal uma regra que deveria ser particular. A capacidade de produzir é uma característica pessoal e não uma prerrogativa de uma idade ou de calendário da vida.

O simples facto de termos uma data pré-determinada para sairmos do mercado de trabalho, cria uma expectativa complicada para iniciativas de médio e longo prazo, bem como o foco em resultados nesses períodos.

Quando a reforma acontece, os profissionais perdem os laços do dia a dia que construíram durante anos, perdem ferramentas de trabalho importantes, e, muitas vezes, sentem-se isolados do que foi o seu mundo durante muito tempo. Um dos aspectos a que não damos a devida atenção, como sociedade civil e como empresas, é a preparação da situação de reforma dos nossos profissionais e a falta de apoio adequado após a sua efetivação.

No passado, os 'reformados' tinham dificuldade no acesso a nova formação. As instituições de ensino não estavam preparadas para acolher essa população. Hoje, quer as universidades públicas e as privadas, quer as chamadas 'universidades seniores', quer fundamentalmente o acesso universal à formação, conhecimento através da internet e das empresas que nela investem, permitem ultrapassar qualquer barreira e a realização de muitos objectivos.

A perspectiva de aproveitar esta força dos novos 'reformados', com capacidades e conhecimentos adquiridos, que continuam a investir na sua atualização de competências e empenhados em contribuir para a sociedade, tem que ser reconhecida e aproveitada.

Por tudo isto, pretendo dizer claramente que a capacidade produtiva não tem idade.

Reconheço que a capacidade de realizar alguns desafios, por exemplo eminentemente físicos ou de elevado esforço, podem tornar-se mais difíceis, mas mesmo aí não existe uma regra universal.

Um outro factor não negligenciável é a experiência profissional.

Independentemente dos resultados profissionais históricos atingidos, devemos aproveitar toda a experiência vivida ou reagir em conformidade.

É sabido que um terço da vida é passado a dormir, outro a trabalhar e o terceiro investido na vida pessoal. Compreende-se por isso que a experiência profissional seja um factor marcante. Não tem que ser decisivo mas tem uma influência muito forte. Mais uma vez, tudo depende da iniciativa e vontade de cada um.

A experiência profissional também pode ser uma ajuda a encontrar caminhos alternativos. Um dos potenciais activos dos seniores é a sua rede de contactos, as redes sociais reais e agora também as redes sociais electrónicas.

As redes sociais ajudam a concretizar melhor, mais rápido e mais perto o que quer que nos proponhamos fazer. A questão aqui é mesmo querer fazer, e saber o quê!

Todos queremos fazer o que nos dá prazer e o que nos proporciona alguma recompensa. Para quem teve uma vida profissional desconfortável, a reforma pode ser um 'grito do ipiranga' e transformar o sentido da vida ou o desistir de sonhos não concretizados, aceitando a derrota. Mas há também quem nestas situações tire proveito, construa novos percursos, novas experiências, mas tal nunca é fácil porque é resultado de uma fractura.

O mundo actual continua a ter muito desafios e oportunidades, sendo que um deles é manter-se atualizado sobre o que se passa ao seu lado, no mundo e com as tecnologias que tanto têm evoluído e que também moldam a nossa vida social, expandindo as possibilidades de sucesso em várias direcções, sendo que a do conhecimento é talvez a mais forte.

Pessoas com a minha idade, que não dominem o mail, os editores de texto e programas de produtividade pessoal, a internet e algumas apps, podem continuar activos e a ser felizes, mas as opções são bem mais limitadas.

Em síntese, gostaria de deixar a mensagem que a sociedade precisa do contributo de todos, que a capacidade produtiva não tem idade, nem limites conhecidos, que não podemos nem devemos desperdiçar riqueza adquirida, particularmente quando mais dela precisamos, e que se deve ponderar claramente a criação de estímulos e valorizar a contribuição positiva dos seniores no processo.